

Resenhas

DUBET, François. *La galère: jeunes en survie*. Paris: Fayard, 1987, 503 p. (reedição francesa por Éditions du Seuil em 1993)

Através da análise da experiência cotidiana de jovens de periferias de grandes cidades francesas, François Dubet faz a leitura do fim de um mundo popular e do esgotamento de um tipo de sociedade organizada em torno da classe operária e dos movimentos sociais onde ela era protagonista. A partir da análise das condutas de jovens pobres das grandes cidades, o autor interpreta os principais desafios da sociedade industrial, sua crise e suas mutações. Tais mutações deram origem a um sistema social com contornos não muito bem definidos, mas onde nem trabalho nem família são o centro da socialização e onde há crescente exclusão e forte crise dos movimentos coletivos.

O autor é professor da Universidade de Bordeaux II e pesquisador do *Centre d'analyse et d'intervention sociologique* (CADIS), onde realizou estudo sobre movimento operário, lutas estudantis, colegiais, políticas sociais urbanas e políticas destinadas aos

jovens e sobre diversos tipos de movimentos sociais. Vários destes temas reaparecem neste livro onde, a partir da experiência de vida dos atores jovens no contexto conturbado das periferias urbanas, são analisados o desenvolvimento do individualismo, as experiências fragmentadas, a fugacidade das relações e a forte presença da subjetividade.

É importante explicar o conceito central do trabalho: *galère*. O autor não a define de imediato, preferindo descrever o seu protagonista (ou “personagem sociológico”). Assim, indica como tipo de jovem da *galère* um rapaz de vinte anos, com baixo nível de escolarização, sem qualificação, frequentemente desempregado, realiza pequenos trabalhos para sobreviver, sem vínculos sociais estáveis, passa seu dia em longos períodos de ócio nas ruas ou cafés, possivelmente filho de pai operário e/ou imigrante, vive em um conjunto habitacional de periferia, onde a droga e a delinquência não estão ausentes. O cotidiano desse jovem é expressão de uma experiência coletiva e os indivíduos que correspondem a esta descrição certamente se reconhecem na experiência da *galère*.

O termo *galère* tem o mesmo significado que galera em português,

isto é, um tipo antigo de embarcação movida a vela e a remo (normalmente por escravos, o que deu origem também, em francês ao significado de galera como infortúnio, trabalho forçado, condenação à pena de remar neste tipo de embarcação). Na gíria francesa, a palavra deu origem ao verbo *galérer*, significando estar à deriva, viver de forma incerta, em condições precárias, provavelmente não tendo claro o rumo e sem suficiente visão de horizonte para ter projetos.

Para deixar mais claro o conceito, reproduzimos dois trechos do livro. No primeiro, o autor procura indicar os contornos do fenômeno social *galère*, indicando que ela “resulta de uma série de fatores convergentes, sem que se possa determinar um modelo rígido de causalidade. Um jovem tem tanto mais possibilidades de se encontrar na *galère* se ele vive no meio popular, urbano e não tradicional, em conjuntos habitacionais e periferia, onde frequentemente se reúnem estes fatores. A *galère* não se desenvolve onde os jovens estão ainda inseridos em redes tradicionais de solidariedade e onde a referência ao movimento operário é ainda forte” (p.58).

No segundo trecho, a *galère* é definida como “a expressão, nos

jovens das classes populares, da decomposição do sistema de ação da sociedade industrial, da ruptura de um modo de integração popular tradicional, do esgotamento de um ator histórico — o movimento operário — e, enfim, do bloqueio e da transformação de certas formas de participação e de mobilidade” (p.167).

Nada parece mais distante do movimento operário e das lutas sociais organizadas do que as experiências dos jovens de periferias urbanas. O repertório de socialização e de ação destes inclui mais apatia, droga, música, violência, e se distancia de elementos de integração, vivência do conflito, participação e sistema de ação. Contudo, para Dubet movimento operário e *galère* são momentos de um mesmo processo social, sendo que a segunda é a expressão, no meio jovem, do fim do movimento operário e da perda da centralidade do trabalho e da família como fatores de socialização. Uma parte significativa dos jovens da *galère* é formado por descendentes de gerações de operários militantes dos anos 1950-60, concentrados nos bairros dos centros industriais onde a realidade do trabalho fabril e a presença ativa do partido comunista (por isso eram chamadas *banlieues rouges*), ajudavam a atribuir significado à dominação e à subalternidade de sua condição social. Mas os jovens de que fala Dubet encontraram um mundo completamente diferente, onde, ainda que quisessem (e esse não é o caso), jamais poderiam seguir a mesma trajetória de trabalho e de participação que seus pais. Suas formas de construção de identidade, expressão social e de reação à dominação e à exclusão tampouco poderiam ser as mesmas.

La galère: jeunes en survie é

um trabalho sociológico completo, que dialoga com diversas tradições teóricas e apresenta detalhada discussão metodológica, ao analisar os resultados de um extenso trabalho de investigação. Na primeira parte da obra, consagrada ao quadro analítico e conceitual, o autor analisa o fim do mundo da classe operária organizada, que se havia desenvolvido no período entre as duas guerras mundiais, a fratura do mundo industrializado, os laços sociais (regulação e solidariedade) destruídos, o vazio da socialização e a crise da escola republicana. Em seguida, são interpretados os resultados da pesquisa realizada com base na metodologia de intervenção sociológica, desenvolvida pelo grupo coordenado por Alain Touraine no CADIS. O método, aplicado a este caso, consistiu na formação de diversos grupos formados por jovens, cada grupo sob a coordenação de dois pesquisadores. Além de reuniões de discussão entre os jovens, foram realizadas reuniões em que estes se encontravam com interlocutores de diversos tipos (pais, educadores, trabalhadores sociais, políticos, sindicalistas, músicos, animadores culturais, policiais, etc). Em tais reuniões, o objetivo era reforçar a capacidade de expressão dos atores e produzir material que permitisse interpretar os sentidos da ação atribuídos por eles. O fundamento da proposta metodológica é desenvolver uma sociologia que vai da ação ao sistema.

Foram desenvolvidas atividades com grupos em 4 cidades francesas (Orly, Sartrouville, Champigny e Clichy) e uma cidade belga (Seraing, na periferia operária de Liège). O estudo estabelece uma oposição entre as quatro primeiras e a última, já que Seraing é a imagem de um meio operário organizado e

integrado, com fortes ligação à família e ao trabalho, identidade operária e identidade comunitária, enfim é o mundo da classe trabalhadora que a sociologia classicamente interpretou em termos de consciência de classe. O grupo formado nesta última cidade funcionou de certa forma como um “grupo de controle” em relação aos demais, possibilitando estabelecer contraponto e comparações.

O autor compara o contexto de socialização e de instituições a que estão relacionados os jovens nesses diferentes contextos: “apesar de estarem em um universo onde estão presentes os serviços sociais, os jovens de Seraing falam o tempo todo da família. Ao contrário, na malha mais frouxa da periferia (nas demais cidades estudadas), os jovens que “galeram” falam sempre das instituições. Assim a escola, os serviços sociais, os estágios e os clubes de jovens aparecem como um segundo conjunto de socialização, distinto do primeiro, a família” (p. 371).

Para os jovens dos bairros onde a realidade operária sofreu forte transformação, a socialização não passa mais essencialmente pelo mundo do trabalho. Eles vivem de forma acentuada um vazio de socialização, não têm mais uma imagem positiva nem do trabalho nem da luta operária. Por sua vez, nesse contexto, a escola foi, sobretudo na França, um símbolo do laço político, de um princípio de unidade face à diversidade da sociedade, entrou em crise profunda e tornou-se incapaz de preencher os objetivos igualitários que ela professa. O estudo aponta, ainda, para a importância do Estado (através das políticas sociais) e os meios de comunicação de massa na socialização dos jovens da *galère*.

A partir do material coletado,

Dubet analisa a *galère* como resultante das transformações ligadas ao fim do mundo industrial e portanto da anomia, da exclusão e da ausência de movimento social. Como abordagem teórica, propõe, em lugar da sociologia das condutas marginais dos jovens, a sociologia dos movimentos sociais. A *galère* não é vista como mera conduta anômica ou estigma, tal como as interpretações sociológicas da marginalidade, notadamente a Escola de Chicago nos anos 30, sobre a delinqüência juvenil. Bandos e turmas desapareceram quando os bairros se tornam heterogêneos e quando uma cultura de massa invadiu o mundo popular. A experiência da *galère* não repousa sobre nenhum princípio estável. Há condutas de excesso e de dependência, delinqüência, violência, droga, ócio e música, mas não há realmente formação de uma subcultura marginal. A experiência cotidiana mobiliza redes frágeis (em lugar de turmas), delinqüência e trabalhos no setor informal, revelando relações sociais diluídas freqüentemente marcadas pela heteronomia.

A *galère* é, antes do que uma conduta marginal de jovens pouco ou mal integrados, uma ação de classe perigosa. Essa parte da juventude representa uma ameaça difusa à juventude trabalhadora e à sociedade em seu conjunto. A expressão “classes perigosas”, criada por Louis Chevalier, se refere ao *lumpen*proletariado na formação da sociedade industrial, uma massa social disforme temida pelos cidadãos e pelas instituições, sobre a qual o poder realizou uma ampla empresa de controle e socialização. Tal como as classes perigosas ao longo do século XIX, a experiência atual da *galère* reúne problemas relacionados ao urbanismo, ao

desemprego, à educação e à imigração.

Nesse contexto é possível existir ação coletiva? Seria possível estudar as condutas marginais dos jovens, a *galère* hoje, como estratégias de ação, esboços de conflitos ou reivindicações culturais larvais? esta é a pergunta central do estudo. a sociologia dos movimentos sociais define a sociedade como sistema de integração e de conflito, contudo a experiência da *galère* procede da crise e decomposição de um sistema de ação, da falta de integração e de formas de expressão do conflito. Nela não há a definição de um adversário social, nem de um conflito específico. Por outro lado, a reflexão teórica sobre os movimentos sociais sempre se apoiou sobre movimentos “positivos” com a elaboração de um projeto social e a busca de autonomia. Seria possível apoiar-se sobre o quadro teórico da análise dos movimentos sociais para estudar um objeto tão distante dele como a *galère* (caracterizada pela heteronomia)? Seria possível observar a transformação da *galère* em ação autônoma, organizada ou um movimento social latente?

Na *galère* os jovens estão em situação de exclusão e desorganização. Porém, ela não é puro espaço de dependência e de ausência de ação social. O que não existe é um princípio único e organizado. Existe heterogeneidade, ruptura e fragmentação. Há ação fragmentada e dispersa em distintas lógicas. Dubet identifica três pólos em tornos dos quais estão as dimensões de ação da *galère*: desorganização social, exclusão e raiva. Elas representam três lógicas ou orientações de ação. A desorganização é interior e exterior ao indivíduo. No primeiro caso ela é desorganização afetiva e identitária.

No segundo, se refere às desordens na família e no meio social. A exclusão (não marginalidade) se manifesta através do desemprego, da procura de trabalho, da falta de acesso ao consumo, do estar fora da escola, da estigmatização e do racismo. Ela se manifesta também na frustração gerada por uma forte integração cultural que acompanha a exclusão social e econômica. A raiva aparece de forma difusa, sem alvo determinado, ela é provocada pelo sentimento de exclusão e de impotência frente à desorganização. E revela um sentimento generalizado de dominação, falta de sentido para esta dominação, niilismo, ausência de futuro e de esperança.

Na *galère* a ação é desorganizada, sem direção, manifesta por todos os lados por atores pouco integrados, excluídos e enraivecidos porque a dominação a que estão submetidos não lhes faz sentido. Sua ação decorre da falta de regulação, da anomia e da exclusão e também da ausência de movimentos sociais e consciência de classe. Diante desse quadro, se pergunta qual seria a capacidade de ação dos atores da *galère*, que são muito frágeis, marginalizados e dependentes para serem considerados como sujeitos de um novo movimento social. O que os caracteriza é a recusa do mundo industrial e operário, o apelo à dignidade e à liberdade e o refúgio em ilhas de resistência individuais (atividades expressivas, sobretudo música e dança). O que motiva sua ação é cultural e é nesse âmbito que manifestam sua vontade de autodeterminação.

Dubet analisa ainda o movimento de jovens e sua luta contra o racismo na França dos anos 80, em especial a Marcha pela igualdade e contra o racismo, realizada em 1983. Depois da

grande mobilização nacional, ocorreu a volta à periferia e o fortalecimento de uma vida associativa. Na visão do autor são os jovens imigrantes que têm maiores capacidades de transformar as lógicas da *galère*, porque estão constantemente desafiados por um apelo de identidade ao enfrentar o racismo e ao vivenciar a dualidade do sentimento de não pertencimento e da vontade de integração. Esses jovens imigrantes conseguem definir-se melhor ao confrontar-se ou aliar-se a outros atores.

Para que seja possível encontrar saídas da *galère*, os atores devem encontrar nela dimensões positivas, pontos de apoio de uma ação organizada e de um projeto, espaços de resistência e de autonomia. O que é certo é que não é o trabalho o que alavanca a mobilização, mas sim os problemas da autonomia e da personalidade, a busca de maior capacidade de expressão cultural. Nesse sentido, aparecem com força os aliados externos, tais como os animadores culturais que atuam nesses espaços urbanos.

Ao final do trabalho, não fica claro o que o autor espera das diferentes instâncias de socialização em relação aos jovens da *galère* que buscam inserção e sentido. Para o leitor, fica ainda o mal estar diante da ausência de projetos e de saídas para o problema da exclusão social.

Cristina Almeida Cunha Filgueiras
CIEPLAN - Corporación de
Investigación Económica para
América Latina

DUBET, François;
MARTUCCELLI, Danilo. *A l'école: sociologie de l'expérience scolaire*. Paris. Seuil, 1996, 362 p.

François Dubet, professor de Sociologia na Universidade de Bordeaux II, após uma trajetória de quase vinte anos (sua primeira publicação — “Lutte étudiante”, em co-autoria — data de 1978), publica, com Danilo Martuccelli (pesquisador no CNRS) os resultados de uma pesquisa de campo, por meio da qual puderam, juntamente com sua equipe, observar e entrevistar alunos cuja idade escolar corresponde às séries iniciais do ensino fundamental (“les écoliers”), à segunda fase do ensino fundamental (“les collégiens”) ao ensino médio (“les lycéens”).

Ambos, pesquisadores na École des Hautes Études em Ciências Sociais, Paris, debruçaram-se sobre os dados coletados, buscando ultrapassar a mera constatação, descrevendo e objetivando compreender a experiência que cada aluno tinha em sua escola.

É importante ressaltar que “*À l'école*” como seu subtítulo indica — “Sociologia da experiência escolar”, significa um amadurecimento das idéias apresentadas por Dubet em obra anterior — “Sociologia da Experiência” (Paris, Seuil, 1994). Delimitando seu campo de análise, ou seja, a escola, os autores a revisitam, partindo de seu interior, da experiência que os alunos (crianças, adolescentes e jovens) vivenciam por intermédio das relações com os adultos, seus professores e pais.

A pesquisa

“*A fim de melhor analisar os processos educativos, os grupos de*

pesquisa foram constituídos, na maior parte dos casos, por sociólogos, aos quais vieram associar-se professores-pesquisadores em Psicologia e em Ciências da Educação.” (p. 347).

A integração intelectual das equipes de pesquisa foi assegurada por grupos de reflexão, que se reuniam periodicamente, incluindo, além dos profissionais já mencionados, estudantes que elaboravam suas teses em Sociologia, em Psicologia e em Ciências da Educação, como também psicólogos escolares e um orientador educacional.

A pesquisa desenvolveu-se em dois momentos. Primeiramente, uma vez escolhidos os estabelecimentos, procedia-se à coleta dos documentos e à realização de entrevistas semidiretivas junto aos sujeitos da pesquisa, para se formar, segundo os autores, uma imagem de cada situação. Em um segundo momento, as equipes desenvolviam um estudo em profundidade de cada tipo de atores, mediante um trabalho de grupo, momento-esse considerado, pelos autores, como a parte principal da pesquisa.

Como membro do CADIS (Centro de Análise e de Intervenção Sociológica), grupo criado por Alain Touraine, François Dubet utiliza mais uma vez, em sua carreira de pesquisa, o método da “intervenção sociológica”, visando extrair as dimensões e os mecanismos da experiência social, levando os atores não somente a testemunhar sua experiência, mas também a produzirem uma análise de seus problemas.

Durante quase três anos, quatorze grupos reuniram-se duas vezes por semana, além de alguns meio-períodos de trabalho. Os nove grupos de estudantes e cinco de adultos (incluindo grupos de